

# O DIREITO E O AVESSE NO LÉXICO DOS TEXTOS MIDIÁTICOS: REFLEXÕES SOBRE A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA

Kátia Regina Rebello da COSTA<sup>1</sup> (CEFET/RJ – UERJ)

**RESUMO:** Este artigo tece reflexão sobre a heterogeneidade discursiva, segundo a linha da análise do discurso francesa. Privilegiando a heterogeneidade constitutiva, analisam-se textos midiáticos, dando ênfase a alguns que tematizaram manifestação promovida pelo MLST (Movimento pela Libertação dos Sem-Terra), em junho de 2006, no Congresso Nacional. Focalizam-se, na análise, a seleção lexical e a criação vocabular como signos indiciais da heterogeneidade discursiva. Busca-se demonstrar que a adoção, em sala de aula, da heterogeneidade discursiva como princípio norteador permite ao produtor e leitor de textos em formação o desvendamento dos sentidos dos textos e a produção textual mais astuciosos.

**ABSTRACT:** This article ponders over the heterogeneity discursive, according to the French line of the speech analysis. Privileging the constituent heterogeneity, texts propagated through the mass media are analyzed, giving emphasis to those which refer to the manifestation supported by MLST (Release Movement of the Landless) in the National Congress on June, 2006. In this analysis, lexical selection and the vocabulary creation are focused, as indicatory signs of the heterogeneity discursive. Its adoption in classroom, as the main guiding, permits the author and reader of the texts being created, a more skillful writing and literal production disclosure.

## 1. Introdução

Minha proposta é fazer uma reflexão acerca da heterogeneidade como uma propriedade inerente ao discurso, da qual o mesmo nasce e segundo a qual se constitui.

Com base na análise do discurso de linha francesa, discuto o conceito de heterogeneidade discursiva, aplicando o debate a textos midiáticos e privilegiando os que noticiaram ou emitiram opinião a respeito da manifestação promovida pelo MLST, em junho de 2006, no Congresso Nacional.

Sem descartar a heterogeneidade mostrada, focalizo com mais atenção a heterogeneidade constitutiva – e, assim, dou especial espaço às considerações sobre interdiscursividade e interdiscurso, intertextualidade e intertexto. Entendendo os textos e os sentidos que neles se constroem como a materialização dos discursos que circulam na sociedade e os discursos como a materialização das ideologias, elejo a seleção lexical e a criação vocabular como índices da heterogeneidade discursiva.

## 2. Discurso: arena dialógica

*O discurso é sempre a arena em que lutam (...) pontos de vista em oposição.*  
(Fiorin, 2004: 46)

O discurso<sup>2</sup> é o espaço constituído por um debate entre ele (o mesmo) e o Outro. Sabê-lo *discurso* implica sabê-lo nascido de relação polêmica com o Outro. Fiorin, ao remeter-nos, metaforicamente, à idéia de "arena", explicita que, do discurso, emergem posições dissonantes, referentes aos igualmente dissonantes grupos sociais cujos interesses, numa dada sociedade, apresentam-se em luta constante.

No primeiro semestre de 2006, por ocasião da greve dos docentes e dos funcionários técnico-administrativos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – foi possível ler-se uma faixa, afixada nas dependências da universidade, com o seguinte enunciado: *Greve pra valer é a nossa*.

O enunciado que compõe a faixa foi elaborado com base no título dado a um ato público, ocorrido em 09 de maio de 2006, na UERJ. O título do ato era: *Contra farsa, mesa farta: greve pra valer é a nossa*. Ao

<sup>1</sup> [katiarebello@uol.com.br](mailto:katiarebello@uol.com.br)

<sup>2</sup> *Discurso* está sendo tomado, aqui, como *um certo modo de apreensão da linguagem (...), como atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados*. (Maingueneau, 2000: 43)

analisarmos o enunciado que compõe a faixa, contatamos que ele se constitui tendo em vista o Outro. Marcas lingüísticas como "pra valer" e "nossa" nos permitem inferir que há outra greve, de outro sujeito ideologicamente antagonico, que não tem validade.

Se nos reportarmos ao contexto político em que o enunciado foi gerado, essa análise ganhará consistência: em 30 de abril de 2006, o ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, então pré-candidato à Presidência da República pelo PMDB, iniciou uma greve de fome em protesto contra o que chamou de *campanha mentirosa e sordida para desconstruir sua imagem* (Folha Online, 30/04/2006). Anthony Garotinho estava se referindo às denúncias de irregularidades na arrecadação de recursos para a sua pré-campanha.

Na ocasião, circularam, na mídia, vários textos com enfoque crítico em relação à greve de Garotinho. A *Folha de São Paulo* (02/05/2006) comparou a greve de fome de Garotinho a um "reality show":

### Reality Show de Garotinho

Lilian Christofolletti e Talita Figueiredo

Garotinho transforma greve de fome em 'reality show'

Como se fosse um reality show, a greve de fome de Garotinho está sendo acompanhada por fotógrafos e cinegrafistas através de uma porta de vidro.

A greve, iniciada às 17h15 de anteontem, é uma resposta às denúncias de que as empresas que doaram R\$ 650 mil à pré-campanha são de fachada e que outras são ONGs contratadas sem licitação pela Fesp (Fundação Escola de Serviço Público) e beneficiadas com repasses do governo. (...) Garotinho se mantém numa sala de 15 metros quadrados na sede regional do partido, no centro do Rio. Dispõe de um pequeno banheiro com chuveiro e de um frigobar, onde há apenas água.

No espetáculo que se tornou a greve, o momento de maior dramaticidade foi quando Rosinha chegou acompanhada de seis dos nove filhos do casal, ao meio-dia.

Deitado com a luz apagada, Garotinho não se levantou para recebê-los. Em vez disso, todos se ajoelharam ao lado do sofá e rezaram. A filha Clara, 11, chorou muito. (...)

Também a charge<sup>3</sup> de Ique, publicada no *Jornal do Brasil* (02/05/06), faz apreciação crítica do evento:



A faixa vista no espaço da UERJ, assim, nasce de um movimento de contestação da greve de fome de Anthony Garotinho. Ao enunciar que *Greve pra valer é a nossa*, põe em dúvida a seriedade da greve promovida por Garotinho, filia-se discursivamente aos textos críticos em relação ao evento e valoriza o movimento o qual tematiza, a *nossa greve*.

Dizer que o discurso abriga pontos de vista antagonicos significa considerá-lo intrinsecamente heterogêneo. Trago à cena, assim, o princípio de *heterogeneidade discursiva*, desenvolvido pela análise do discurso de linha francesa com base na concepção dialógica da linguagem, o princípio unificador da obra de Mikhail Bakhtin (Fiorin, 2004: 31). A heterogeneidade discursiva diz respeito a um *funcionamento que representa uma relação radical do interior de um discurso com a sua exterioridade* (Maingueneau, 1997: 75). Assim, perspectiva(s) diferente(s) da apresentada pelo locutor – o "ser do discurso", responsável material pela enunciação – soa(m) nos enunciados formadores do discurso mediante vozes, que correspondem a enunciadorees outros, aos quais o locutor se filia ou dos quais se dissocia – mas através dos quais sempre se constitui como sujeito sócio-histórico.

Esse diálogo entre vozes corresponde à noção de *polifonia*, cunhada por Bakhtin ao analisar os romances de Dostoiévski e amplamente discutida por lingüistas, com destaque para Ducrot, que observou as

<sup>3</sup> Texto verbal contido na charge: *Pré-candidato em greve de fome*.

ocasiões em que o locutor, embora produza materialmente os enunciados<sup>4</sup>, não é responsável por boa parte deles (Maingueneau, 2000: 108-109).

Conceber o discurso como heterogêneo implica entender a *interdiscursividade* como um fenômeno inerente ao discurso. Esse fenômeno diz respeito à propriedade de todo discurso estabelecer-se em *relação multiforme com o interdiscurso*, ou seja, com o conjunto de unidades discursivas com as quais se articula (Charaudeau e Maingueneau, 2004). Falar em relação multiforme significa, num sentido amplo, pensar em vinculações implícitas ou explícitas entre um discurso particular e outras unidades discursivas. E significa, num sentido estrito, pensar em articulações contraditórias entre formações discursivas<sup>5</sup> que pertençam a formações ideológicas opostas.

### 3. Dizeres presentes e dizeres esquecidos

(...) todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória. (Orlandi, 2001: 43)

Se o discurso nasce de uma relação polêmica com o Outro, ou seja, se ele se funda no interdiscurso, por que isso ocorre? O que leva os sujeitos a deixar vaziar, no conjunto de sua enunciação, discursos outros, pontos de vista outros? O que os leva a não terem domínio sobre a própria composição discursiva?

Charaudeau e Maingueneau salientam que o *interdiscurso* se traduz em *um jogo de reenvios entre discursos que tiveram um suporte textual, mas de cuja configuração não se tem memória* (2004: 286). Disso emergem duas considerações: (1<sup>a</sup>) O interdiscurso tem origem no intertexto; e (2<sup>a</sup>) o intertexto diz respeito à retomada e à transformação, em maior ou menor escala, de textos, de cuja configuração não se perdeu a memória. Se o *interdiscurso* é o conjunto de unidades discursivas com que um discurso se relaciona, o *intertexto* é o conjunto de unidades textuais, de fragmentos incorporados explícita ou implicitamente em um texto – entendido aqui como materialidade sógnica –, através dos quais este se institui como texto. Assim como a interdiscursividade é fenômeno inerente ao discurso, a intertextualidade – *conjunto de regras implícitas que subentendem esse intertexto, o modo de citação que é julgado legítimo na formação discursiva da qual depende esse corpus* (Maingueneau, 2000: 88) – é uma propriedade dos textos que pode ser ativada pelo seu produtor e recuperada pelo seu co-produtor, no momento da leitura.

Para Pêcheux (1997), a memória é tratada como interdiscurso, aquilo que fala antes, em outro lugar (Orlandi, 2001: 31). Ela é o *já-dito*, que torna possível todo *dizer*, a que retoma e de que emerge sob a forma de *pré-construído*. É abordada, portanto, como memória discursiva (ou saber discursivo), fundadora de todo *dizer*. Assim, a memória é descrita como a propriedade constitutiva dos sentidos, dos discursos e da identidade dos sujeitos.

Essa propriedade existe em jogo com outra, o *esquecimento*. O esquecimento, segundo Orlandi (2001: 35), é resultado do modo como os sujeitos são afetados pela ideologia. Devido ao *apagamento* da consciência da materialidade sógnica dos discursos, os sujeitos têm a ilusão de serem a origem do que dizem, inconscientes do mecanismo de retomada de discursos preexistentes.

Com base nisso, Orlandi (2001: 33-34) afirma que:

É preciso não confundir o que é interdiscurso e o que é intertexto. O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o 'anonimato', possa fazer sentido em 'minhas' palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), uma voz fala sem nome.

Embora o intertexto também mobilize as relações de sentido, ele não tem o esquecimento como estrutural, como o tem o interdiscurso. O intertexto, segundo Adam (in Charaudeau e Maingueneau, 2004: 286), diz respeito aos *ecos livres*, de um ou mais textos, relativamente reconhecíveis em outro. Essa

<sup>4</sup> Cabe, aqui, a distinção entre os conceitos de *enunciação* e de *enunciado*. Enquanto a *enunciação* é um ato de fala, um evento propriamente dito, um acontecimento que pressupõe a interação, e que, por isso, não corresponde a um só enunciador, o *enunciado* designa o produto do ato de enunciação. (Maingueneau, 2000: 52-54).

<sup>5</sup> Entende-se por *formação discursiva* todo sistema de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscritos (Maingueneau, 2000: 68).

abordagem se afina à que entende o interdiscurso como um movimento de *reenvios entre discursos que tiveram um suporte textual, mas de cuja configuração não se tem memória*.

O interdiscurso tem origem no intertexto, que passa para o anonimato ao ter a sua materialidade apagada na memória dos sujeitos. Ainda que a noção de intertexto se limite à relação de um texto com outros textos, é no esquecimento desse já-dito não anônimo que se origina o interdiscurso. Dessa forma, a interdiscursividade, conceito mais amplo, nasce da intertextualidade, conceito mais restrito.

#### 4. Heterogeneidade: palavras falam com outras palavras

*Sob a palavra, há outras palavras* (Fiorin, 2004: 38)

O discurso traz como essência estar em relação polêmica com outros discursos. O discurso abriga outros discursos, sem os quais não se saberia *discurso*. Esse *abrigar* pode mostrar-se de modo marcado, perceptível através de elementos lingüísticos explícitos, ou de modo não marcado, identificável pelo leitor mediante índices textuais diversos – fenômeno que Authier-Revuz designou como *heterogeneidade mostrada*. Mas esse acolhimento do discurso outro pode não se mostrar através de marcas ou mesmo de índices lingüísticos: nesse caso, o discurso não revela a alteridade em sua materialidade, mas o Outro é apreendido pela memória discursiva de certa formação social em que o discurso se inscreve – o que vai permitir entrever os discursos correspondentes às formações discursivas com as quais estabelece polêmica. A essa segunda modalidade de heterogeneidade, Authier-Revuz chamou de *heterogeneidade constitutiva* – fundada no interdiscurso (Maingueneau, 2000: 78-79).

Em 06 de junho de 2006, o Movimento pela Libertação dos Sem-Terra (MLST) – dissidência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra<sup>6</sup> (MST) – promoveu uma manifestação nas dependências do Congresso Nacional. Os integrantes do movimento tinham como propósito conquistar visibilidade para suas reivindicações.

Na ocasião, muitos textos produzidos e veiculados pela mídia focalizaram o evento – para noticiá-lo ou para estabelecer reflexão sobre ele. Estes o abordaram como sinônimo de violência – alguns chegaram a atribuir-lhe características de "guerra".

A notícia publicada em *O Globo*, no dia seguinte ao da manifestação, contém escolhas lexicais que se sabem significativas:

#### **Baderna no Congresso**

O movimento dos sem-limites

Militantes do MLST invadem e depredam instalações da Câmara dos Deputados

A Câmara dos Deputados foi alvo ontem de cenas de vandalismo que há muito tempo não se via. Cerca de 500 manifestantes do Movimento de Libertação dos Sem-Terra (MLST), comandados pelo secretário nacional dos Movimentos Populares do PT e membro da executiva nacional do partido, Bruno Maranhão, invadiram o prédio do Congresso. Os manifestantes forçaram a passagem usando galhos de árvores, cones de trânsito, pedras e paralelepípedos. Quebraram vidros; viraram um carro que estava em exposição na entrada do Anexo II da Câmara; destruíram portas blindex e depredaram instalações e computadores, deixando um saldo de 26 feridos. Os manifestantes foram detidos e Maranhão, o primeiro a ser preso.

Depois de uma tensa negociação, que durou quase três horas, os 500 invasores, que já estavam do lado de fora do Congresso, foram levados para um ginásio de esportes, a menos de dois quilômetros da Esplanada. (...).

Imagens identificam os agressores

No ginásio foi feita uma triagem para identificar os manifestantes que participaram do quebra-quebra e das agressões a policiais. A identificação seria feita com base em imagens do

---

<sup>6</sup> O MST nasceu no contexto de lutas pela abertura política, entre 1984 e 1985, como um movimento de reafirmação da necessidade da ocupação da terra como uma ferramenta legítima dos trabalhadores rurais, o que já vinha sendo proposto pela ala progressista da Igreja Católica, resistente à ditadura, ainda na década de 1970 – grupo denominado Comissão Pastoral da Terra (CPT).

circuito interno de TV, fotógrafos e cinegrafistas que a Polícia Legislativa reuniu ao longo da tarde. (...)

O tumulto começou por volta das 14h30m, quando os sem-terra tentaram forçar a entrada no prédio da Câmara. A segurança não permitiu a entrada dos sem-terra, pois o protesto não estava autorizado. Os manifestantes começaram a forçar passagem. Cerca de doze seguranças da Câmara e oito policiais militares, a serviço do Legislativo, tentaram impedir a entrada.

Iniciou-se um empurra-empurra e uma grande confusão que durou quase duas horas. O confronto na portaria do anexo que dá acesso às salas das comissões durou cerca de quinze minutos. Atingidos por paus e pedras, seguranças da Câmara caíram. Funcionários da Casa e visitantes, que se aglomeraram para acompanhar a confusão, também foram atingidos. (...)

A escultura "O Anjo", do artista mineiro Alfredo Ceschiati, só não foi destruída porque é de bronze. Os manifestantes ensaiaram uma invasão do plenário da Câmara, mas desistiram. Tentaram ainda entrar no Senado pelo Salão Azul e no Salão Negro da Câmara, mas foram impedidos pela segurança.

- Quero todos presos! - gritou o presidente da Câmara dos Deputados, Aldo Rebelo (PCdoB-SP). - Não quebramos nada. O que ocorreu é que tentaram impedir os trabalhadores de entrar na sua Casa para fazer uma ação direta de soberania popular. Não viemos quebrar nada nem bater em ninguém afirmou Joaquim Ribeiro, um dos sem-terra (...).

- A sociedade tem que fazer a luta pelos seus direitos. Estamos protestando contra a corrupção, o mensalão e o sanguessuga. Queremos que o governo Lula derrube a medida provisória que impede a desapropriação de terras invadidas - afirmou Jean.

Deputados tentaram intermediar um encontro dos líderes com Aldo. Diante da recusa de Aldo e de sua decisão de prender todos, Maranhão organizou a saída dos manifestantes.

- Após ser informado, determinei que todos os envolvidos na ocupação e depredação, sem exceção, sejam presos - anunciou Aldo.

Os verbos selecionados para compor a seqüência de ações dos manifestantes delineiam-nas como "violentas": *invadiram, forçaram, quebraram, viraram, destruíram e depredaram*. Tais verbos são postos numa gradação ascendente que constrói, no plano lingüístico, a imagem visual do evento. A seqüência está sintetizada nos dois verbos utilizados para constituir o subtítulo da matéria: *Militantes do MLST invadem e depredam instalações da Câmara dos Deputados*.

Também os substantivos eleitos para fazer referência à manifestação participam da construção da imagem de acontecimento violento: *baderna, movimento, cenas de vandalismo, quebra-quebra, agressões, tumulto, confronto, confusão, invasão*. O mesmo ocorre quanto à imagem dos integrantes da manifestação: *militantes, manifestantes, os invasores, os agressores, os sem-limites*. Este último item, localizado no subtítulo da notícia – *O movimento dos sem-limites* –, é um neologismo que nos desperta a atenção: surge no enunciado para cumprir uma função semântico-discursiva. Formado por analogia a outras formações dicionarizadas, como *sem-razão, sem-vergonha, sem-pão, sem-terra* e *sem-teto (Houaiss, sv)*, desempenha o papel de expressar a subjetividade do locutor em relação àquilo que é comunicado. O elemento "sem-", que entra na formação de tantas palavras do nosso léxico, parece assumir valor nitidamente depreciativo se se junta a determinados substantivos. Isso ocorre em *sem-vergonha* e em *sem-limites*, mas não se observa em *sem-pão* e em *sem-terra*. O locutor, ao fazer uso do neologismo, revela o seu posicionamento desfavorável à manifestação promovida pelo MLST – posicionamento esse que será ratificado no contínuo textual através da seleção lexical.

Os itens lexicais presentes no texto exemplificam o fenômeno da heterogeneidade que constitui todos os discursos que habitam a sociedade. Ressalto a ocorrência dos itens: *movimento, militantes e manifestantes* (situados no subtítulo e no corpo do texto). Essas palavras, isoladamente, correspondem a discurso supostamente neutro, que não recriminaria o acontecimento. No entanto, postas em relação com as demais, carregam-se de sentido depreciativo: a palavra *movimento* está determinada pelo sintagma *dos sem-limites*; *militantes* é sujeito cujas ações são explicitadas pelos verbos *invadem* e *depredam*; *manifestantes* estabelece relação polêmica com os demais substantivos já destacados nesta análise. Assim, confrontam-se dois discursos para que o da reprovação do evento suplante o outro.

A perspectiva discursiva observada no texto de *O Globo* se repete na revista *Veja* (14/06/06). Da publicação, destaco a capa e a matéria intitulada "Insulto à Democracia" para tecer algumas considerações.

A capa<sup>7</sup> da revista traz construção verbo-visual bastante significativa:



Dessa construção, salta o neologismo *PTbulls*, em diálogo com a imagem de uma coleira vermelha, com esporas, que circunda uma foto, posta em fundo também vermelho. Cruzamento vocabular da sigla PT (Partido dos Trabalhadores) com o empréstimo lingüístico *pitbull*, o neologismo, por submeter à raça de cães reconhecida por seu comportamento agressivo, sintetiza a opinião da revista sobre o evento: *agitadores financiados pelo governo depredaram o Congresso Nacional*.

Os signos não-verbais dialogam entre si, compondo uma imagem visual de forte valor argumentativo. Aos "agressores" ou *PTbulls*, reserva-se a "repressão", representada, visualmente, pela coleira dotada de esporas – usada para a condução de “cães perigosos”, no caso, de manifestantes ou *agitadores*, item preferido pela revista. Se a cor vermelha remete ao PT, também se associa, simbolicamente, em nossa cultura, à violência. Não estará a revista, com isso, pleiteando uma censura?

Essa composição verbo-visual<sup>8</sup> antecipa o conteúdo do texto "Insulto à Democracia"<sup>9</sup>.



<sup>7</sup> Texto verbal contido na capa: *Os PTbulls. Financiados pelo governo e chefiados por um dirigente do partido, os agitadores que depredaram o Congresso Nacional são apenas um dos grupos que se comportam como o braço armado do PT.*

<sup>8</sup> Legenda da foto: *Cenas da barbárie. Os sem-terra do MLST, no momento em que viraram e destruíram um carro que seria sorteado pelos funcionários da Câmara: mais que vandalismo, um ataque à democracia.*

<sup>9</sup> O olho da matéria e o texto estão em anexo. Nesta seção, reproduzimos os trechos que constituem objeto de análise e, para ilustrar, a imagem visual que contém a foto, a legenda, o olho e o início do texto.

Nele, o mesmo processo de seleção lexical verificado em *O Globo* se manifesta. O ato é designado como *violento ataque, ato tresloucado, insulto, quebra-quebra, barbárie* e os manifestantes são abordados como *vândalos*, para citar alguns itens. Assim como na capa da revista, nessa matéria se exploram o patrocínio e a adesão do governo à manifestação promovida pelo MLST.

A construção linguística, além de ser desenhada com palavras que reportam à violência da manifestação, no segundo parágrafo, revela a heterogeneidade: vozes contrastantes ressoam através de enunciados interrogativos. Com o enunciado *Por que os sem-terra atacaram o Congresso?*, introduz-se o questionamento. Nos enunciados seguintes, também interrogativos, estariam as possíveis "respostas", representativas de um discurso antagônico – o dos manifestantes –, cujo conteúdo é anulado pela própria estrutura interrogativa: “Porque a reforma agrária não avança, os assentamentos estão parados? Porque são marginalizados, ninguém os ouve, não têm acesso aos parlamentares, ao presidente da República, ao Palácio do Planalto?”

Esses enunciados são, na seqüência, negados pela voz do locutor do texto:

Nada disso. Eles têm representantes no Congresso, recebem verbas públicas e são recebidos pelo presidente Lula no Palácio do Planalto. (...) Portanto, a resposta é outra: os sem-terra promoveram a baderna contra o alvo determinado porque em sua cartilha e em sua visão de mundo não existe lugar para o Congresso.

O diálogo estabelecido pelas interrogativas nada mais é do que estratégia para sugerir um possível jogo dialético. Isso fica evidente quando refazemos a leitura do parágrafo: o tópico frasal contém uma asserção com caráter de verdade. Note-se o uso reiterativo da preposição *contra*, para marcar o que seria a posição dos membros do MLST em relação ao Congresso Nacional: “Por serem contra o Congresso Nacional, contra a casa das leis, a casa do povo, contra o poder que simboliza a democracia e a liberdade, os sem-terra do MLST fizeram um ataque frontal à consciência democrática.” (grifos meus)

O que pareceria índice de um discurso democrático se apresenta como afirmativa incontestável, que não pretende abrir espaço para uma voz contrastante. No terceiro parágrafo, sobressai o neologismo que compõe o sintagma *mal de Marxzheimer* e toda a seleção lexical compatível com o campo de "doença": (a) substantivos: *doença, o mal, sintomas, epidemia, remédio, cura, virulência, profilaxia e vírus*; (b) verbos: *definha e morre*. Veja-se:

Os líderes dos sem-terra e seus protetores no governo são acometidos do "mal de Marxzheimer", doença social que produz miséria física e mental. Ele envenenou todo o século passado. A doença foi debelada na Europa quando, minada pelo espírito libertário dos cidadãos, a União Soviética se derreteu. O mal sobrevive apenas em sua forma tropical. Seus sintomas são a hipocrisia, a estupidez, a preguiça e a violência. Ele se alimenta de verbas públicas e de inocentes úteis. No governo Lula transformou-se em uma verdadeira epidemia. O remédio? Não existe cura definitiva para o mal de Marxzheimer. Sem verbas públicas, ele definha mas não morre. Exposição à luz diminui a virulência dos efeitos. Mas o máximo que a profilaxia consegue é fazê-lo cristalizar-se como certos vírus, estado dormente em que aguarda até atacar outra vez a democracia representativa, os laboratórios de pesquisa, as empresas, enfim, tudo o que signifique progresso, prosperidade e melhoria de vida para a maioria. Êta doença! (grifos meus)

Em *Marxzheimer*, também temos uma formação por cruzamento vocabular: ao nome do médico alemão Alois Alzheimer (que descobriu certo tipo de degeneração nos neurônios, característica fundamental da doença a que se chamou *Mal de Alzheimer*) cruzou-se o nome do economista, cientista social e revolucionário socialista alemão Karl Heinrich Marx. Do cruzamento de Marx com Alzheimer surge o neologismo que, ao aludir à doença que causa demência, sugere que os sujeitos que se afinam ideologicamente com o marxismo sejam "doentes sem cura".

Em outra passagem do texto, novamente o locutor faz uso de um neologismo – *sem-limites* – agora num movimento intertextual com o jornal *O Globo*. Ao incorporar formação neológica de outro texto, o locutor revela compartilhar sua opinião acerca do ato: “Deveria ter feito mais. Deveria ter anunciado o imediato corte de verbas para todas as organizações de sem-terra, sem-teto, sem-limites, que usam impostos gerados pela sociedade a cuja destruição eles visam.”

Vale, ainda, registrar a escolha de palavras referentes ao campo lexical de "guerra", como se pode observar no trecho transcrito a seguir:

A invasão foi planejada nos moldes de uma operação militar. Havia uma estratégia clara, os alvos estavam definidos, os prováveis pontos de resistência do inimigo identificados, enfim, tudo minuciosamente estudado pelos comandantes. Como numa operação militar, o planejamento era discutido em códigos. Os invasores eram os "convidados", e o alvo principal, o Salão Verde da Câmara dos Deputados, era o "salão de baile". A fita de vídeo mostra que havia uma espécie de estado maior dos sem-terra. Na véspera da invasão, três líderes do MLST aparecem em uma gravação discutindo os detalhes finais da operação. "Nós vamos falar para o Brasil que tipo de reforma agrária que nós queremos. Nós vamos dizer para o Brasil o que é que essa corja de PFL e PSDB está fazendo com o Brasil quando deixou de votar o Orçamento da União, só aprovado em maio, achando que estava atingindo o Lula", afirma Antonio José Arruti Baqueiro, um dos generais da tropa sem-terra e também vinculado ao PT (...) (grifos meus)

Os textos apresentados nessa seção correspondem, portanto, a uma formação discursiva ideologicamente antagônica ao discurso construído pelo MST - e pelo MLST.

## 5. Direito e avesso: considerações quase finais

É sempre bom lembrar  
que um copo vazio  
está cheio de ar (Gil, 1974: "Copo  
Vazio")

Como afirma Fiorin, o discurso é *constitutivamente heterogêneo, porque (...) deixa ver seu direito e seu avesso. Suas categorias semânticas constituem-se em oposição a categorias semânticas de outro discurso* (Fiorin, 2004: 43).

O discurso expresso em *O Globo*, exemplificado na notícia "Baderna no Congresso", nasce como fruto de uma oposição ao discurso da defesa de manifestações como a abordada neste trabalho. O mesmo se pode dizer do discurso construído na revista *Veja*, em que se expressam as diferentes perspectivas da sociedade sobre os movimentos sociais e sobre as manifestações por eles promovidas – perspectivas essas que estão em relação polêmica umas com as outras: um texto contrário às manifestações de sem-terras só pode ter sido gerado em uma sociedade em que há discursos favoráveis a esses movimentos.

Os textos analisados podem constituir um debate polêmico com o texto "Levantados do Chão", de Chico Buarque (em parceria com Milton Nascimento), produzido em 1997 para o livro *Terra*, de Sebastião Salgado. No texto, observa-se franca adesão à causa dos sem-terra:

Como então? Desgarrados da terra?  
Como assim? Levantados do chão?  
Como embaixo dos pés uma terra  
Como água escorrendo da mão?

Como em sonho correr numa estrada?  
Deslizando no mesmo lugar?  
Como em sonho perder a passada  
E no oco da Terra tombar?

Como então? Desgarrados da terra?  
Como assim? Levantados do chão?  
Ou na planta dos pés uma terra  
Como água na palma da mão?

Habitar uma lama sem fundo?  
Como em cama de pó se deitar?  
Num balanço de rede sem rede  
Ver o mundo de pernas pro ar?

Como assim? Levitante colono?  
Pasto aéreo? Celeste curral?  
Um rebanho nas nuvens? Mas como?  
Boi alado? Alazão sideral?

Que esquisita lavoura! Mas como?  
Um arado no espaço? Será?  
Choverá que laranja? Que pomo?  
Gomo? Sumo? Granizo? Maná?

As interrogações reiteradas são altamente expressivas: *perguntar*, nos diz o dicionário, é inquirir, indagar, questionar, buscar esclarecimentos. É, em síntese, pôr-se em posição de dúvida, de busca, de não aceitação ou de recusa. Essas interrogações bem poderiam – paradoxalmente – constituir resposta para aquelas outras interrogações que observamos no texto da *Veja* ("Insulto à Democracia"): que "democracia" existente é essa à qual se "insulta", quando há sujeitos assujeitados, *desgarrados da terra, levantados do chão*, que só têm direito a um *arado no espaço*?

E já que um texto, um discurso se constitui a partir do outro, seja este outro seu antagonista ou não, não nos esqueçamos de que a canção se apresenta em relação intertextual com o título do livro *Levantado do Chão*, de José Saramago, em que o escritor nos diz:

Do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima deles, levantam-se os homens e as suas esperanças. Também do chão pode levantar-se um livro, como uma espiga de trigo ou uma flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira.

O diálogo que se estabelece é interessante. Saramago explora, do verbo "levantar", o sentido de erguer, crescer, surgir com vida, alçar vôo. Chico Buarque, ao contrário, enfatiza, do participio do verbo, o sentido de "arrancado", "extirpado". O jogo, no entanto, tece um só tecido, um só discurso, à medida que o título da canção remete ao do livro: se arrancado se está do chão, daí se fará nascer uma "bandeira". Resta-nos saber para onde a levarão.

## 6. Considerações para encerrar

O texto é um entrançamento de signos que – entendidos não só como mediatos, mas ainda como materialidade que revela os sentidos sociais e faz nascer novos sentidos – têm propriedades plásticas e evocam, no momento da leitura, imagens mentais. Os signos acionados pelo produtor de um texto explicitam a heterogeneidade de que se compõem os discursos. Assim, concebo os signos como guias para a produção de leitura(s) – e, enfim, elementos provocadores de sentidos, delineadores e geradores de novas concepções, textos e ações.

Penso que abordar, em sala de aula, os textos como um feixe de vozes e como um tecido em que dialogam ou lutam pontos de vista afins ou em oposição possibilitará ao sujeito-leitor-produtor de textos em formação enfrentar esses textos de modo mais astucioso. Ao deparar com os signos presentes na superfície textual, o sujeito poderá sabê-los como guias-mapa (Simões, 1997) que ativam os processos de interpretação e que permitem o (des)velamento dos sentidos do texto e dos vários discursos que o atravessam.

Acredito que, desse modo, a escola propiciará aos indivíduos o tão necessário e almejado domínio da língua portuguesa. Esses indivíduos – sociais, temporais e históricos – poderão vir a construir leituras menos ingênuas e mais críticas. Poderão vir a se constituir em sujeitos-leitores-produtores sagazes e escritores da própria história.

## 7. Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Helena N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.
- BUARQUE de HOLANDA, Chico & NASCIMENTO, Milton. "Levantados do Chão". In: CD *Terra*. Marola Edições Musicais, 1997, faixa 3. Texto obtido no portal de Chico Buarque (<http://chicobuarque.uol.com.br/construcao/index.html>), em 11 de julho de 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHRISTOFOLETTI, Lilian & FIGUEIREDO, Talita. "Reality show de Garotinho". In: *Folha de São Paulo*, 02 de maio de 2006.
- DUAILIBI, Julia & CABRAL, Otávio. "Insulto à Democracia". In: *Veja*. São Paulo: Abril, edição 1960, nº 23, 14 jun 06.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico-séculoXXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Lexikon Informática, Versão 3.0, 1999.
- FIORIN, José Luiz. "Bakhtin e a concepção dialógica da linguagem". In: ABDALA JR, Benjamin (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 37-66.
- FOLHA ONLINE. "Garotinho anuncia greve de fome em protesto a 'boicote'". Obtido no portal <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u7S059.shtml> em 10 jul 2006.
- FRANCO, Ilmar, GRIPP, Alan, BRAGA, Isabel & CAMAROTTI, Gerson. "Baderna no Congresso". In: *O Globo* de 07 de junho de 2006, 1ª edição, Primeiro Caderno, Editoria "O País", p. 3.
- GIL, Gilberto. "Copo Vazio". In: *Gil ao vivo*. São Paulo: Universal, 1974, faixa 10.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IQUE. Charge. In: *Jornal do Brasil*, 02 mai 06.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da UNICAMP, 3ª edição, 1997.
- MST - Portal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. <http://www.mst.org.br/historico/sumario.html> acesso em 18 jul 06.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al]. 3ª edição. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.
- SANDMANN, Antônio. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SALGADO, Sebastião. "Os Pobres Trabalhadores da Terra". In: *Terra*. Introdução de José Saramago. Versos de Chico Buarque. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SIMÕES, Darcilia M. P. (1997). "A Construção Fonosemiótica dos Personagens de 'Desenredo' de João Guimarães Rosa". In: *Revista Philologus* – set-dez-1997 (distribuição mar/98) [p. 67-81].

VALENTE, André. "Produtividade lexical: criações neológicas". In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 129-143.

REVISTA VEJA. "Capa". São Paulo: Abril, edição 1960, nº 23, 14 jun 2006.

## 8. Anexo

Insulto à democracia

Revista Veja -12/06/2006

No mais violento ataque ao congresso nacional desde a ditadura militar, 500 sem-terra mostram todo o seu desprezo pelo símbolo da democracia – e colhem uma crítica pífia, apenas protocolar, do PT e do presidente Lula

Julia Duailibi e Otávio Cabral

As imagens de 500 militantes do Movimento de Libertação dos Sem-Terra invadindo e depredando as dependências do Congresso Nacional parecem, à primeira vista, conformar um ato tresloucado. Carregando pedras, galhos de árvore, pedaços de concreto e cones de trânsito, eles invadiram o Anexo 2 da Câmara dos Deputados e saíram quebrando tudo que viam pela frente. Viraram e destruíram um automóvel que estava em exibição para um sorteio dos funcionários, quebraram portas de vidro blindado, terminais de auto-atendimento, computadores, câmeras de circuito interno. Aos gritos de "o povo unido jamais será vencido", atropelaram uma exposição de plantas e outra de fotografias, deceparam a cabeça do busto de bronze do ex-governador de São Paulo Mario Covas (1930-2001) e fizeram pelo menos 28 feridos – um deles, Normando Fernandes, funcionário da segurança da Câmara, foi atingido com um pedaço de concreto na cabeça, sofreu traumatismo craniano e ficou dois dias na UTI entre a vida e a morte. Só vândalos fazem isso. Mas as cenas da terça-feira da semana passada não se limitam à barbárie. Elas são ao mesmo tempo um insulto e um teste do grau de tolerância da democracia brasileira.

Por serem contra o Congresso Nacional, contra a casa das leis, a casa do povo, contra o poder que simboliza a democracia e a liberdade, os sem-terra do MLST fizeram um ataque frontal à consciência democrática. Talvez seja a mais violenta e acintosa agressão à democracia desde que a ditadura militar fechou as portas do Congresso Nacional, em abril de 1977. "Eles atacaram em Brasília, no coração do poder, no Congresso Nacional, que é o poder mais aberto da República. Quebraram tudo para deixar marca. Deixam marcas como ameaça de que podem voltar", afirma o jurista Paulo Brossard, ex-ministro da Justiça, que foi um dos mais lúcidos combatentes do regime militar. Por que os sem-terra atacaram o Congresso? Porque a reforma agrária não avança, os assentamentos estão parados? Porque são marginalizados, ninguém os ouve, não têm acesso aos parlamentares, ao presidente da República, ao Palácio do Planalto? Nada disso. Eles têm representantes no Congresso, recebem verbas públicas e são recebidos pelo presidente Lula no Palácio do Planalto. O petista Bruno Costa de Albuquerque Maranhão, o líder do MLST e do quebra-quebra da semana passada, foi recebido duas vezes por Lula no Palácio do Planalto, uma em julho de 2004 e outra em novembro do ano passado. Portanto, a resposta é outra: os sem-terra promoveram a baderna contra o alvo determinado porque em sua cartilha e em sua visão de mundo não existe lugar para o Congresso. Também não existe lugar para a liberdade de expressão, para universidades livres, para laboratórios de pesquisa ou para progresso científico.

Os líderes dos sem-terra e seus protetores no governo são acometidos do "mal de Marxzheimer", doença social que produz miséria física e mental. Ele envenenou todo o século passado. A doença foi debelada na Europa quando, minada pelo espírito libertário dos cidadãos, a União Soviética se derreteu. O mal sobrevive apenas em sua forma tropical. Seus sintomas são a hipocrisia, a estupidez, a preguiça e a violência. Ele se alimenta de verbas públicas e de inocentes úteis. No governo Lula transformou-se em uma verdadeira epidemia. O remédio? Não existe cura definitiva para o mal de Marxzheimer. Sem verbas públicas, ele define mas não morre. Exposição à luz diminui a virulência dos efeitos. Mas o máximo que a profilaxia consegue é fazê-lo cristalizar-se como certos vírus, estado dormente em que aguarda até atacar outra vez a democracia representativa, os laboratórios de pesquisa, as empresas, enfim, tudo o que signifique progresso, prosperidade e melhoria de vida para a maioria. Eta doença! (...)

Na semana passada, outro elemento favoreceu as ilicitudes cometidas pelos sem-terra - a reação pífia do governo ao ataque contra o Congresso Nacional é um sinal evidente da simpatia que une os baderneiros do MLST, o governo e o PT. De início, Lula limitou-se a lançar uma nota em que dizia que "o grave ato de vandalismo" deve ser tratado "com o rigor da lei". Nada mais. "Dada a extrema gravidade do ocorrido, era de esperar que o presidente da República fosse além dessa reação 'protocolar'.", diz um editorial publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo, ao acrescentar que Lula poderia ter convocado "uma rede nacional de rádio e televisão para manifestar ao país, de viva voz e em termos compatíveis com a dimensão do acontecimento, sua repulsão pela depredação da Casa das Leis e sua aversão pelos seus autores,

incentivadores e cúmplices". Deveria ter feito mais. Deveria ter anunciado as organizações de sem-terra, sem-teto, sem-limites, que usam impostos gerados pela sociedade a cuja destruição eles visam. Por que a reação leve, quase tolerante? Porque o PT e os sem-terra comungam de uma certa antipatia contra o Congresso, visto como instrumento da "democracia burguesa". É... eles chamam eleição, voto secreto, multipartidarismo, liberdade de expressão, economia de mercado de "democracia burguesa". (...)

A ocupação do Congresso foi um ato minuciosamente preparado pelos líderes dos sem-terra. Um vídeo, com uma hora e dezoito minutos de duração, é prova material da premeditação. A invasão foi planejada nos moldes de uma operação militar. Havia uma estratégia clara, os alvos estavam definidos, os prováveis pontos de resistência do inimigo identificados, enfim, tudo minuciosamente estudado pelos comandantes. Como numa operação militar, o planejamento era discutido em códigos. Os invasores eram os "convidados", e o alvo principal, o Salão Verde da Câmara dos Deputados, era o "salão de baile". A fita de vídeo mostra que havia uma espécie de estado-maior dos sem-terra. Na véspera da invasão, três líderes do MLST aparecem em uma gravação discutindo os detalhes finais da operação. "Nós vamos falar para o Brasil que tipo de reforma agrária que nós queremos. Nós vamos dizer para o Brasil o que é que essa corja de PFL e PSDB está fazendo com o Brasil quando deixou de votar o Orçamento da União, só aprovado em maio, achando que estava atingindo o Lula", afirma Antonio José Arruti Baqueiro, um dos generais da tropa sem-terra e também vinculado ao PT, para concluir: "...E o Lula continua aí, tranquilo, com 63%...". Baqueiro assessora Yulo Oiticica, deputado estadual do PT na Bahia. Ganha 2.800 reais. (...)